

OLEGÁRIO MARIANO: O CLICHÊ NACIONALISTA
E A INVENÇÃO DAS CIGARRAS¹

Pedro MARQUES

*Da minha província, um menino o contemplava, maravilhado.
Uma página de revista com o seu retrato sugeria que o poeta devia
ser assim como ele era, composto de mocidade, graça e melancolia,
a distinguir-se espontaneamente dos outros homens.*

Carlos Drummond de Andrade.²

Resumo: Primeira parte: a introdução da tese (“Chegando o ouvido”) propicia, a partir da fortuna crítica do poeta, uma tomada aérea dos assuntos e juízos que serão aprofundados ou refutados. O segundo capítulo (“Nacionalismo sim”) avalia a poesia de Olegário Mariano na maior balança da literatura brasileira. Experimenta considerá-la subsumida na tradição nacionalista que tem ocupado nosso pensamento literário e não apenas ele. No fechamento desta seção (“Modernismo não?”), discuto *Canto da Minha Terra* (1927), volume que revela as apropriações de Olegário da cor local modernista. Segunda parte: o capítulo inicial (“Anacreonte redivivo”) detecta a entrada de Olegário numa linhagem de poesia lírica anacreôntica, supostamente inaugurada pelo Anacreonte histórico (séc. VI a.C.). Em seguida, o capítulo mais extenso do trabalho (“Destrinchando o poema”) examina os artefatos (em geral sonetos) que compõem “a grande máquina”, o poema indivisível que, a meu ver, configura *Últimas Cigarras* (1915). Por último, “Olegário feito fábula” é uma coda ao trabalho. Visa a ilustrar os reflexos literários de *Últimas Cigarras* em outros poetas. Terceira parte: organização e apresentação de fontes primárias. O leitor terá à disposição reportagens, depoimentos de Olegário Mariano, textos críticos sobre o poeta e, por fim, uma iconografia.

Abstract: *First section: from the criticism about this poet, the introduction (“Coming close the ear”) presents a synthesis about principal topics and judgments that will be deepened or rejected. The second chapter (“Nationalism, yes”) measures Ole-*

¹ Este artigo é a apresentação da tese de doutorado *Olegário Mariano: o clichê nacionalista e a invenção das cigarras*, orientada pelo Profa. Dra. Orna Messer Levin e defendida em 20 de junho de 2007, no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – UNICAMP.

² ANDRADE, C. D. de. *Água Corrente. Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1958.

gário Mariano poetry in the greatest scale of Brazilian Literature. This poetry is considered inside a nationalist tradition that put in motion the Brazilian thought. At the end of this part ("Modernism, no?"), I discuss My Land's Song (1927), a book that is replete of modernist local color. Second section: the initial chapter ("Anacreon revived") examines the Olegário Mariano ingress in the lyric poetry of anacreontic genealogy, supposedly inaugurated by the historical Anacreon (sec. VI BC). Subsequently to, the most extensive chapter of this thesis ("Unraveling the poem") examines all the artifacts (general sonnets) that compose the big machine or the indivisible poem that, in my opinion, conform The Last Cicadas (1915). At last, "Olegário as fable" operates as a coda of this work and explains the literary reflexes by The Last Cicadas in other poets. Third section: organization and presentation of several primary sources. In here, readers can consult newspapers reports, Olegário Mariano's depositions, critic texts about the poet and, still, an iconography.

I.

Olegário Mariano Carneiro da Cunha (Recife, 1889 – Rio de Janeiro, 1958), escritor de proa ao seu tempo e estilo. Navegou por diferentes correntes poéticas com velas nunca fechadas aos motivos soprados como nacionais. Criado poeta num terreno de sedimentação parnasiana, sob a ação de agentes simbolistas e bastante românticos, observou parte das inovações da aurora do século passado. Sobraram esforços para colar em sua poesia a etiqueta desta ou daquela escola. Tentativas quase sempre frustradas pela impossibilidade de observar a obra em sua totalidade. A maior parte dos comentadores somente a surpreendeu em curso, uma vez que as poesias quase completas – *Toda uma Vida de Poesia* (1957) – surgem às vésperas da sua morte. E o que poderia auxiliar um balancete crítico geral e rigoroso às vezes tomou a mão do mero necrológio. Mesmo o poeta gostava de propagar, imprensa afora, seu desapego às ondas literárias.

Independente dos rótulos que variam de neo-romântico a pré-modernista, há quatro características gerais que costumam fazer companhia ao homem e aos versos: a notável popularidade (ainda mais forte entre as mulheres); os versos melodiosos de clara compreensão; a cor local ou o regionalismo. São traços que quando não pormenorizados numa obra ou num autor correm, evidentemente, o risco de recobrirem toda uma geração de poetas.

Por último, os críticos também se coligam para frisar a infidelidade em relação a qualquer grupo ou programa literário, mesmo àqueles pelos quais transitou. É curioso que, no momento de sua estréia em livro, Olegário Mariano tenha ganhado, a esse respeito, conselho do prestigiado Guimarães Passos, que, duro na crítica, temia ver o jovem de dezessete anos espessar as fileiras decadentistas de início do século XX: “Ai de ti, Olegário se te deixares empolgar pelas novidades de escola, se te deixares levar pelo esquisito das palavras sem nexos, pela beleza das rimas sem expressão”.³

Jayme de Barros acomoda Olegário Mariano no rol dos pré-modernistas, resumindo que o escritor cultivaria “com especial carinho, em sua poesia, o coração das mulheres, em notas voluptuosas, lançando com sucesso, nos salões, os seus poemas, em que dramatiza emoções para comover senhoritas românticas com suas desgraças poéticas”. Haveria, também, as “notas de sincera melancolia”, o ritmo puro nos versos, “as imagens por vezes belas como jóias raras”. Era “o poeta das cigarras, e de alguns cantos em que sua alma vibra numa profunda emoção patriótica”.⁴

Fernando Góes cola embalagem similar:

[...] o poeta das cigarras – que lhe deram tanta voga – ou ainda o poeta dos namorados ou do amor, cujos versos, sabidos de cor por quase toda gente, fizeram com que, entre nós, ele fosse [...] o dono absoluto da poesia, nos primeiros vinte e cinco anos do século.

De sua parte, porém, Góes especifica melhor o nacionalismo, reparado como patriotismo, e que Olegário teria ido buscar em seu acervo pessoal de reminiscências:

[...] é preciso não esquecer [...] a parte, por assim dizer, nacionalista, em que os temas brasileiros o empolgaram, e ele pode realizar uma série de poemas onde, evocando episódios da meninice e dos tempos de rapaz, passados no Recife, reviveu toda uma série de

³ PASSOS, G. Leitor, prefácio. In.: MARIANO, O. **Visões de moço**. Rio de Janeiro: Typographia Carvalhaes, 1906, p. 8.

⁴ BARROS, J. de. Os Pré-Modernistas. In.: **Poetas do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 134-135.

costumes, de lendas, de aspectos pernambucanos.⁵

Ressaltando popularidade, cigarras, “a presença da terra” brasileira e a flutuação entre várias e até conflitantes estéticas, Péricles Eugenio da Silva Ramos firma para o poeta o carimbo de neoparnasiano:

[...] não seguiu rigidamente o parnasianismo rígido, mas temperou-o com tonalidades simbolistas perceptíveis desde o seu primeiro livro, um nefelibatismo de luars, gazes e aldeias, e ainda uma persistente sombra de Samain, com suas mulheres florais e alexandrinos banhados de capitoso sensualismo. ⁶

De maneira ainda mais simplificada, Darci Damasceno⁷ expede avaliação semelhante, explicitando, porém, que tanto popularidade quanto sentimentalidade e sensualidade seriam elementos definidores, no fundo, de todo o neoparnasianismo enxergado como uma das tendências poéticas preponderantes nas primeiras décadas do século XX. Nessa orientação literária, o verso repercutiria “intimamente ligado ao canto”, haveria “no versificar um gozo, uma euforia” poucas vezes sentidos no parnasianismo. Já os interesses temáticos de Olegário Mariano – em sintonia com outros poetas da geração – estariam fortemente ligados ao enquadramento de paisagens esvaziadas, com frequência, de toda presença humana.

Na década anterior à Semana de 22, que alguns estudiosos contornam sob alegação de vácuo criativo, Olegário Mariano auxiliou, de maneira sutil e inédita, a fomentar novas possibilidades para a versificação tradicional. Sem abandonar o característico senso melódico, dilatou o decassílabo e o alexandrino, seus metros prediletos, até os limites do verso livre e de uma prosa ritmada. Comentando sua técnica, Medeiros e Albuquerque⁸ chegou a

⁵ GÓES, F. Olegário Mariano Carneiro da Cunha. In.: **Panorama da poesia brasileira: o pré-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 314.

⁶ SILVA RAMOS, P. E. da. Olegário Mariano, In.: **Poesia parnasiana – antologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1967, p. 296.

⁷ DAMASCENO, D. Sincretismo e transição: o Neoparnasianismo. In.: **A Literatura no Brasil – Vol. 4**. Rio de Janeiro / Niterói: José Olympio / EDUFF, 1986, p. 602-603.

⁸ ALBUQUERQUE, M. e. Destino. **A Gazeta**. São Paulo, 01 de julho de 1931.

uma reflexão comum à época sobre as vantagens e perigos do verso livre: “é preciso um esforço contínuo de invenção, para achar a cada momento o ritmo, que convém nesse momento, mas já não convém no seguinte. Escrever versos em sílabas irregulares, todos o podem. Mas não são versos não são nada, se não têm o achado do ritmo que convém”. Olegário teria a habilidade de aceitar ou rejeitar “as fórmulas consagradas com a mais extrema naturalidade”. Encontraria “sempre no bom momento o bom ritmo”, esbanjando “simplicidade”, “leveza”, “naturalidade”.

Tempos depois, Manuel Bandeira discordaria. Na sua percepção, Olegário jamais buscou o verso livre, escolheu fortalecer, com inteligência, “uma espécie de compromisso entre ele e a versificação regular”.⁹ De fato, principalmente a partir do final dos anos 20, em parte sob efeito do modernismo, Olegário Mariano consegue reaver algo do desembaraço romântico nos ritmos regulares, às vezes endurecidos pela poesia parnasiana final. Tal agilidade rítmica colaborou, inclusive, para que alguns ouvidos, como os de Agrippino Grieco e os de Gilberto Freyre, detectassem em sua poesia a seqüência deste e outros aspectos românticos.

Seu surgimento literário, assim, estende-se pelas duas décadas que abrem o século XX. No segundo decênio, já o encontramos artista fixado no imaginário público e intelectual. Produzindo até os anos 50, as fundações de seu edifício poético foram equilibradas neste intervalo de tempo que, ainda hoje, é capaz de embaçar os óculos dos estudos literários. Mas Olegário Mariano, por exemplo, não se manteve impassível aos fomentos modernistas, ainda que fosse para combatê-los ou propor-lhes alternativas. Era apreciador de poetas como Ribeiro Couto, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, cujas leituras, vez ou outra, ecoam em sua poesia que também fora estimada por eles.

Trata-se de um instante que pode ser sumarizado em muitas categorias: *pós-romântico*, *neoparnasiano*, *neo-simbolista*, *penumbriista*, *crepuscular*, *nacionalista*, *sincrético* e, finalmente, *pré-modernista*, a que colheu maior sucesso e adesão. Grande leva

⁹ BANDEIRA, M. Poesia de Olegário Mariano – I. In.: **Andorinha, andorinha**. ANDRADE, C.D. de. (org.). São Paulo: Círculo do Livro / José Olympio, 1978, p 199.

da poesia composta neste entretempo tende, atualmente, a soar artificial, *démodé*, epigônica, a cheirar mofo. Costuma ganhar *status* e pesquisas somente se percebida como antecipatória das características da “grande revolução modernista”, ou seja, por algo que não necessariamente compõe seu aparelho poético. Num dos estudos mais difundidos e articulados sobre o período, Alfredo Bosi desfecha juízos dessa ordem sobre tais poetas. A avaliação por vezes hostil do estudioso não é a universal, mas assumir as intenções do primeiro modernismo aparece como gesto freqüente na crítica literária, ainda que o professor admita: o “estudo isolado dos melhores poetas de certo arredondará as arestas dessa apreciação negativa”.¹⁰ Seu capítulo intitulado “A poesia neoparnasiana” exemplifica uma espécie de crítica que toca de raspão seu objeto justamente porque o despreza. Deixa a impressão, amiúde, de que o artista dos versos fadado a escrever nesta vintena não passou de fermento para uma poesia vindoura, aí sim, grandiosa.

II.

A tese, portanto, tem por meta tornar minimamente apreciável um poeta distante na estética e na memória do meu tempo. Estudar Olegário, a essa altura e nesse sentido, acaba sendo inusitadamente desafiador, a começar pela bibliografia desorganizada, de acesso restrito, pouco aprimorada no debate, pouco prolongada pelo avançar do tempo. Há poucos anos, quando sondava a vinculação da poesia de Manuel Bandeira com a música, jamais enfrentei problema tamanho.¹¹ Discutir um artista como o bardo de Pasárgada, em certa medida, tinha lá sua tranqüilidade. É um escritor associado ao modernismo, fixado como unanimidade segura – para alguns até sagrada –, ensinado em colégios e faculdades, matéria de livros didáticos, assunto de muitos ensaios e nem tantas teses. As motivações para tal êxito podem até divergir, mas

¹⁰ BOSI, A. A Poesia neoparnasiana. In.: **O Pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 20.

¹¹ MARQUES, P. **Musicalidades na poesia de Manuel Bandeira**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

há um *télos* comum que, via de regra, encaminha à apreciação positiva de Bandeira. O que não é absolutamente o caso de Olegário Mariano, Mário Pederneiras, Hermes Fontes e tantos outros poetas de extração parelha.

Embora haja exceções, minha geração e talvez uma antes dela, aprendeu a gostar de poesia lendo Bandeira e seus companheiros de proveniência modernista, tais como Carlos Drummond, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Mario Quintana, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Também alguns da era romântica, como Álvares de Azevedo. O espetáculo poético se abriu aos nossos olhos através dessas janelas pintadas em livros didáticos e apostilas. Daí a fragilidade de um argumento que sempre se repete: quando abro um volume de Drummond encontro um mundo novo, com frescor, ao contrário das páginas programáticas de Guilherme de Almeida, dos nervos gelados de Olavo Bilac, ou do paisagismo petrificado de Mário Pederneiras. Como estudioso de poesia, depoimentos dessa natureza só me comovem porque registram a desinformação sobre poesia.

Nosso paladar teria outra preferência se fôssemos educados também para a empresa poética de um Silva Alvarenga, de um Raimundo Correia ou de um Da Costa e Silva. Temos sido formados para compreender e exaltar pouquíssimos poetas e de uma ou duas épocas muito circunscritas: modernismo e romantismo. Esperamos sempre a mesma paisagem através da mesma janela. Fornadas de alunos deixam o Ensino Médio ou concluem as faculdades de Letras com dificuldades para reconhecer algum interesse no *Uruguay* ou, em outro extremo, em boa cota da produção contemporânea.

Este intróito, principalmente os apartes tomados à crítica, apronta apenas uma tomada aérea dos assuntos e juízos largamente aprofundados ou refutados no correr da tese. Parto desse geral para aquele “estudo isolado” de que falava Alfredo Bosi. Nada de estabelecer a crítica justiceira para persuadir acerca da genialidade de um poeta abandonado pela displicência dos estudiosos, etc. Algo muito simples e laborioso: os sentidos que podem mover a poesia de Olegário Mariano precisam ser construídos e, ao mesmo passo, reativados; estão desatualizados em cerca de quarenta anos

sem comentários. Portanto, a mira é tentar ajustar ao máximo o aparato crítico de análise e apreciação às disposições específicas da obra, sobretudo do que considero o seu vôo mais alto: *Últimas Cigarras*, publicado pela primeira vez em 1915.

De entrada, procuro deixar de fora o gosto de formação pelos versos modernistas ou de vanguarda. Planejo compreender este poeta com um instrumental que enquadre sua obra circunscrita em dadas convenções, em certo entrecho da história. Trafegar pelos versos de Olegário Mariano buscando o quebra-quebra de imagens de um Murilo Mendes, por exemplo, seria empregar tesoura em lugar de pincel. Como esperar a mesma ourivesaria de Alberto de Oliveira nas páginas de *Paulicéia Desvairada* (1922)?

O segundo capítulo da tese (“Nacionalismo sim”) pesa a poesia de Olegário Mariano na maior balança da literatura brasileira. Experimenta considerá-la subsumida na vasta tradição nacionalista que ocupou e tem ocupado nosso pensamento literário, e não só ele, desde o momento em que buscamos nos organizar enquanto nação. A partir da exposição e comentário de três sonetos do Olegário estreante, desenrolo algumas pontes em direção a autores passados ou seus contemporâneos. O propósito é compreender – discutindo inclusive por dentro da crítica – o que pode caracterizar o nacionalismo dentro da obra literária, com especial enfoque na de Olegário. A principal reflexão, no entanto, fica por conta dos possíveis pontos de aproximação e afastamento entre o nacionalismo tradicional, que embasa Olegário Mariano, e o demandado a partir do modernismo.

No fecho da primeira parte (“Modernismo não?”), discuto *Canto da Minha Terra* (1927), que revela as aproximações de Olegário Mariano com a cor local modernista. É obra menos surpreendente, cuja austeridade de plano de ação parece em desalinho com o tom geral da obra olegariana. De todo modo, a reflexão sobre o livro estimula a compreensão de um nacionalismo que fez oposição ao do modernismo. A partir da leitura de dois poemas centrais, busquei demonstrar ganhos e facilitações, principalmente na comparação com peças de Jorge de Lima e Ascenso Ferreira. Também proponho um passeio pela relevância de Olegário como

letrista do cancionero regional brasileiro, outra válvula de escape para seus intentos nacionalistas.

Já na segunda parte, a matéria do capítulo inicial (“Anacreonte redivivo”) brota da detecção de uma *linhagem* de poesia lírica anacreônica. Supostamente inaugurada com o Anacreonte histórico (séc. VI a.C.), essa tradição atravessou os tempos, com maior ou menor intensidade, para além da antiguidade até ser re-impulsionada no período renascentista. Com desdobramentos em praticamente todas as línguas modernas da Europa, tal retomada faz presença na literatura brasileira no mínimo desde os árcades, encontrando, no entanto, seu grande praticante num século vinte ainda menino: Olegário Mariano com *Últimas Cigarras*. A cigarra que ganha o posto de ícone da obra olegariana, nasce de um rio enorme de clichês em que o poeta vai bebê-la a fim de tentar personalizá-la.

Em seguida, no capítulo mais extenso do trabalho (“Destrinchando o poema”) examino os artefatos (em geral sonetos) que compõem a “grande máquina”, o poema indivisível que configura *Últimas Cigarras*. Assim, peça por peça é comentada dentro de grandes focos organizados a partir de três grupos temáticos. No subitem “No labirinto das cigarras”, importará o revestimento literário e mitológico reservado à “cigarra”, chão comum de onde surgem os outros dois enfoques. Em “Eu artista romântico”, detenho-me em algumas componentes que retomam, problematizam e conformam a noção de *artista romântico*. Já os índices que podem fixar a tintura nacional em alguns poemas são debatidos em “A naturalização das cigarras e do gênio”, o qual, por alinhar a análise completa de *Últimas Cigarras* e retomar as discussões do segundo e terceiro capítulos da primeira parte, cumpre o ofício de conclusão da tese.

“Olegário feito fábula”, terceiro capítulo da segunda parte, é uma *coda* ao trabalho. Visa a demonstrar os reflexos literários de *Últimas Cigarras* em outros poetas. A obstinação em abraçar e refundir os significados que cercam esse animal antes alegórico que concreto e, mais do que isso, a reflexão realizada a partir da cigarra

sobre a própria condição de poeta, granjearam um notável sucesso para Olegário, inaugurando, de fato, uma nova fábula.

ALMAS IRMÃS

Cigarra! Eu sou feliz quando imagino
Seremos os dois, irmãos do mesmo fado:
Canto as minhas canções desde menino...
Quem canta, fica menos desgraçado.

De almas unidas e de braço dado,
Vamos de desatino em desatino...
Somos pobres os dois, mas o Destino
Deu-nos astros no céu e ouro no prado.

Cantas para dar vida à Natureza.
Eu canto para ver se a alma se esquece
Dessa a quem vive eternamente preza.

Somos iguais no sonho que enobrece:
Nosso único motivo de Beleza
É dar felicidade a quem merece...¹²

Por fim, a terceira parte organiza algumas fontes primárias. O leitor tem à sua disposição reportagens, depoimentos de Olegário Mariano, textos críticos sobre o poeta (alguns muito relevantes, inclusive mencionados no corpo da tese) e, por fim, uma iconografia. Todo esse material resultante de quatro anos de pesquisas, financiados pelo *Conselho Nacional de Pesquisa* (CNPq), ilustra o trabalho e, sobretudo, procura contribuir para a memória do escritor e de sua época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. e. Destino. **A Gazeta**. São Paulo, 01 de julho de 1931.

ANDRADE, C. D. de. Água Corrente. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1958.

¹² MARIANO, O. Últimas Cigarras. In.: **Toda uma vida de poesia (vol. I)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 160.

- BANDEIRA, M. Poesia de Olegário Mariano – I. In.: **Andorinha, andorinha**. ANDRADE, C.D. de. (Org.). São Paulo: Círculo do Livro / José Olympio, 1978.
- BARROS, J. de. Os Pré-Modernistas. In.: **Poetas do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- BOSI, A. A Poesia neoparnasiana. In.: **O Pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DAMASCENO, D. Sincretismo e transição: o Neoparnasianismo. In.: **A Literatura no Brasil – Vol. 4**. Rio de Janeiro / Niterói: José Olympio / EDUFF, 1986.
- FREYRE, G. O Poeta Olegário Mariano. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1958.
- GÓES, F. Olegário Mariano Carneiro da Cunha. In.: **Panorama da poesia brasileira: o pré-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- GRIECO, A. Olegário Mariano. In.: **Evolução da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- MARIANO, O. **Toda uma vida de poesia (vols. I e II)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- MARQUES, P. **Musicalidades na poesia de Manuel Bandeira**. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- PASSOS, G. Leitor, prefácio. In.: MARIANO, O. **Visões de moço**. Rio de Janeiro: Typographia Carvalhaes, 1906.
- SILVA RAMOS, P. E. da. Olegário Mariano, In.: **Poesia parnasiana – antologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.